

Professor defende tese hoje à tarde na UFMG

O professor José Tavares de Barros, da cadeira de Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, defende hoje, às 14h, sua tese de doutorado "A Imagem da Palavra — Texto Literário e Texto Filme", na qual discute a questão da adaptação para o cinema de obras literárias e as influências que uma arte exerce sobre a outra. A tese será apresentada a uma banca examinadora, na sala 1007 da Faculdade de Letras, no campus da UFMG.

Ex-crítico de cinema e montador de obras como "Um Filme 100% Brasileiro", "Idolatrada" e "Tigipió", José Tavares de Barros começou a se interessar pelo assunto das interações cinema/literatura ainda na década de 60, quando foi estruturado o núcleo da Escola de Belas Artes. A pesquisa, propriamente dita, tomou impulso em julho de 1988, a partir da análise da contribuição brasileira através de filmes como "Vidas Secas", "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", "Menino de Engenho", "Capitu" e outros.

Entre várias citações, Barros destaca a obra de Graciliano Ramos adaptada para o cinema por Nelson Pereira dos Santos em 1963, com uma fidelidade ao texto original incomum, o que em nada compromete a linguagem cinematográfica, e, pelo contrário, contribui para tornar o filme um dos clássicos do Cinema Novo. Partindo deste estudo de caso, o professor desenvolve sua teoria fundamentada ainda na vasta bibliografia existente sobre a obra literária e no próprio roteiro do filme, comparando um e outro.

Ao fazer um apanhado sobre as obras literárias adaptadas para o cinema, Barros verificou que existe uma influência mútua, ou seja, o cinema sempre se aproximou da literatura pa-



José Tavares de Barros

ra tomar emprestado elemento narrativo, e a literatura, por sua vez, incorporou o espírito da linguagem cinematográfica. Como exemplo desta última, Barros lembra Ernest Hemingway, cujo estilo é bem próximo da narrativa filmica, quase um documentário. Obras que afirmam a independência das duas artes acabam acentuando a certeza de que elas se interferem mais e mais.

A tese termina como cotejo de duas propostas de roteirização de "Campo Geral", de Guimarães Rosa: a do autor e a do cineasta Roberto Santos, ambas são filmadas. Um vídeo de 25 minutos deverá ser exibido durante a exposição da tese à banca examinadora, que será formada por Maria Dora Mourão, da USP, Pedro Jorge Castro, da UNB, Vander Moreira e Lauro Belchior Mendes, da UFMG. José Tavares de Barros contou com orientação de Leticia Mallard, da Faculdade de Letras da UFMG.

Tavares de Barros mostra 'A Imagem da Palavra'

□ **Trabalho de tese revela os resultados de uma pesquisa de 25 anos, sobre o cinema e suas relações com a literatura**

O diálogo entre a literatura e o cinema é bastante antigo. Em 1908, D.H. Griffith, um dos precursores do cinema norte-americano, já recorria à literatura, através de Charles Dickens. O resultado foi um trabalho que determinou o surgimento de uma linguagem cinematográfica. Este é o fio da meada da tese de doutorado "A Imagem da Palavra — Texto Literário e Texto Filme", defendida com êxito pelo professor José Tavares de Barros.

A tese é resultado de uma pesquisa que começou há 25 anos, quando José Tavares de Barros assumiu a Cadeira de Cinema na Escola de Belas Artes da UFMG. A relação com o cinema não se restringiu ao meio acadêmico. Ele foi o montador de três importantes longas-metragens — "Um Filme 100% Brasileiro", "Idolatrada" e "Tigipió" — e mais de 30 curtas, entre eles o conhecido "Em Nome da Razão", de Helvécio Ratton. "Houve um tempo em que a única moviola (mesa de edição) de Belo Horizonte pertencia à UFMG. Como professor de Cinema, acabei participando de vários projetos", comenta.

Grande parte da tese foi desenvolvida a partir da análise de dois filmes, "Vidas Secas" e "Macunaíma", que, na opinião de José Tavares, são as duas melhores adaptações feitas pelo cinema brasileiro. Ele não esconde a admiração que sente pelo trabalho de Nelson Pereira dos Santos, embaixador na obra de Graciliano Ramos. "Ele soube captar toda a riqueza do romance, discutindo o processo de marginalização sofrido pelo povo nordestino."

A análise dos filmes se deu de duas formas. Num primeiro instante, o professor se deteve no estudo dos roteiros originais ("Permite um conhecimento aprofundado dos objetivos dos cineastas, saber qual a visão que têm das obras e dos autores", explica) e, depois, analisou seqüências de fotogramas. No caso de "Vidas Secas", ele escolheu a parte que destaca o menino mais novo da família de retirantes, por entender que traduz a idéia principal do filme.

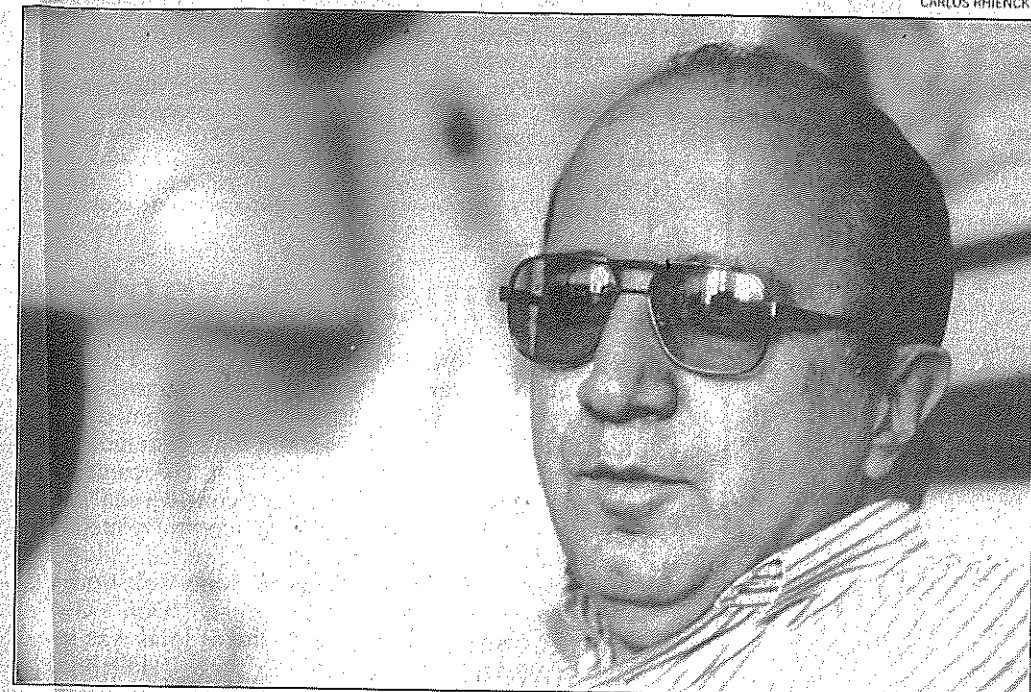
Recriação — As obras literárias são refe-

rências constantes no cinema brasileiro, com resultados que variam da mediocridade a obras-primas. O cineasta disposto a transportar para as telas uma história retirada das páginas da literatura deve entender, de acordo com José Tavares de Barros, que adaptar é recriar. Tal como a tradução, nunca deve ser literal, e sim permitir a introdução de novos elementos criativos. Ele também aconselha que as longas obras folhetinescas devem ser evitadas. A dificuldade de condensação acaba gerando aventuras superficiais.

Outra interessante abordagem de José Tavares é quanto à reciprocidade existente na relação literatura *versus* cinema. Não é apenas a sétima arte que se alimenta das obras literárias, o inverso também acontece e vários autores buscam, nas telas, elementos que vão enriquecer seus trabalhos. "Os modernistas utilizaram muito a técnica e a linguagem cinematográficas. 'Macunaíma', o livro, mostra a influência do cinema na obra de Mário de Andrade."

"A Imagem da Palavra" traz ainda duas propostas de adaptações do conto "Campos Gerais", de Guimarães Rosa. Um roteiro vem assinado pelo cineasta Roberto Santos e o outro, pelo autor da tese. Desta forma, José Tavares de Barros resgata um trabalho feito em 1978, quando ele chegou até mesmo a escolher Dina Sfat, Paulo José e Stênio Garcia para interpretar os personagens principais. Qualquer cineasta interessado poderá optar por um dos roteiros. "Ou fazer uma síntese dos dois", sugere o professor.

Estava entre os planos de José Tavares editar um livro com o conteúdo de seu trabalho. No ano passado, chegou a acertar uma co-edição com a Embrafilme e a Fundação do Cinema Nacional. Mas a extinção dos órgãos acabou por engavetar este projeto. "Apesar de atrelar a produção cinematográfica ao Estado, a Embrafilme servia de incentivo à criação e possibilitou que o cinema brasileiro ficasse conhecido em todo o mundo. Agora, é preciso encontrar novas saídas. A co-produção com outros países pode ser uma delas", acredita.

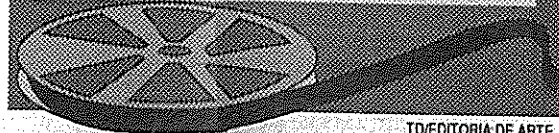


CARLOS RHIENCK

José Tavares de Barros cita 'Macunaíma' e 'Vidas Secas' (abaixo) como dois dos filmes brasileiros que apresentam melhor trabalho de adaptação para as telas

MELHORES ADAPTAÇÕES

- VIDAS SECAS, de Nelson Pereira dos Santos
- MEMÓRIAS DO CÁRCERE, de Nelson Pereira dos Santos
- MACUNAÍMA, Joaquim Pedro de Andrade
- LIÇÃO DE AMOR, de Eduardo Escorel
- A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, de Roberto dos Santos
- MENINO DE ENGENHO, de Walter Lima Jr.
- A HORA DA ESTRELA, de Suzana Amaral
- A ESTRELA SOBE, de Bruno Barreto
- ELES NÃO USAM BLACK-TIE, de Leon Hirzman
- TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA, de Arnaldo Jabour



TD/EDITORIA DE ARTE

